

dos pássaros, o que gerou captação de imagens e de sons, em momentos distintos. Nos vídeos fica evidente que se trata de um tempo expandido. A garça se banhando, um outro bicho simplesmente parado ou comendo um peixe – há muitos peixes! No fim da tarde estão todos os bichos se banhando na Lagoa. As capivaras ficam com um quinto da cabeça para fora da água, paradas. Essas coisas me chamaram muita atenção. Propus um ato de observação contemplativa desses pequenos movimentos dos animais. A câmera esteve parada: a ave sai de cena, voa e acabou a história. *Ilha dos Amores* trata da vida desses pássaros migrando para dentro do Auditório do Museu. Sempre gostei da ideia da migração. *Mercado Livre* também, por sua vez, trata da migração: os azulejos originais da arquitetura moderna, perdidos no decurso do tempo, migram do subliminar para o primeiro plano, do exterior para o interior do edifício. Migram também de edifício para edifício: museu, casa, hospital, igreja.

Completando o itinerário proposto pelo Museu de Arte da Pampulha, visite também, no centro da cidade, a intervenção urbana de Nydia Negromonte *Jasmim do Cabo*. A intervenção foi desenvolvida em 2010 na casa anexa ao Instituto Undió, situada na rua Padre Belchior, 280. A casa estará aberta à visitação, durante todo o período da exposição, de terça a sexta, das 10h às 16h e aos sábados, das 10h às 14h. A entrada é franca e as visitas mediadas.



Nydia Negromonte nasceu na cidade de Lima, no Peru, em 1965, e mudou-se para o Brasil com dois anos de idade. Viveu em São Paulo, Porto Alegre e Barcelona, Espanha, até fixar-se em Belo Horizonte, onde trabalha atualmente. Artista com especial dedicação ao desenho e às técnicas pouco convencionais da gravura, investiga formas, capturas, processos e acontecimentos artísticos originados na observação atenta do cotidiano doméstico.

Renata Marquez é curadora do Museu de Arte da Pampulha.

Museu de Arte da Pampulha

Av. Dr. Otacílio Negrão de Lima, 16.585 Belo Horizonte MG Brasil 31365-450

Tel 55 31 3277-7946 | Fax 55 31 3277-7996 | map.fmc@pbh.gov.br

Terça a domingo, das 9h às 19h

Entrada franca | Visitas mediadas

Ônibus 2212B e C, 2213, 2215A, B, C e D

amap

map

CULTURA
FUNDAÇÃO MUNICIPAL



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

www.pbh.gov.br

Museu de Arte da Pampulha

Projeto Arte Contemporânea 2011

14 de abril a 30 de junho de 2012

Lição de coisas

NYDIA NEGROMONTE

Renata Marquez – Notamos aqui a proposta de transformação do espaço do Museu em uma espécie de sistema doméstico. Reconhecemos como familiares os objetos utilizados – tubos, tanques, duchas, mangueiras, alimentos... – mas eles estão relocados num novo lugar ambíguo, que faz coexistirem o doméstico e o institucional; o privado e o público; o particular e o universal; o pedagógico e o artístico. Mesmo porque esse novo espaço não se encerra oferecendo privacidade mas, ao contrário, ele é superexposto, promovendo um visão ampla e autoexplicativa do sistema como um todo. O universo doméstico é experimentado como um modelo possível de entendimento e explicação do mundo?

Nydia Negromonte – As ações apresentadas foram de fato extraídas do universo doméstico mas aqui no Museu elas estão em outra escala. Primeiro, porque notamos que é um tanque em vez de uma pia; depois, porque, nessa ação de lavar, não temos toalha nem sabão. Encontramos aqui, na verdade, uma reconstrução dessas coisas familiares. Ao lidar com o uso da água nesse lugar ambíguo, *Hídrica Episódios* dialoga intimamente com o espaço institucional, pois um dos pontos importantes é justamente esse “gato” hidráulico: você utiliza um recurso do equipamento público que fica disponibilizado aos visitantes através da construção dos episódios. Mas, quando o visitante executa as ações propostas pelo trabalho, o uso público se torna uso individual. Você pode vir aqui e aguardar o jardim do Museu, por exemplo: normalmente há órgãos responsáveis por fazer isso, mas aqui você passa a ter acesso a essa ação. Há uma horizontalidade na relação do público com a água do Museu. *Hídrica Episódios* é o mediador dessa relação. Uma hidrografia que passa pela irrigação interna dos edifícios e remete à irrigação interna das pessoas e das plantas e à irrigação do lençol freático. A descarga é uma ação proposta que

acelera o fluxo da água. É interessante pensar que a água é um fluxo contínuo: a água da China ou do Peru é a mesma água, são águas interligadas. A água é um condutor contínuo, pois a água do século XV é a mesma que está aqui hoje. Ela vai sendo transformada mas é sempre passível de retorno. Inclusive podemos notar que a água da descarga é a mesma água que entra no filtro do bebedouro, por exemplo. E nesse novo sistema doméstico, há também *Espelho Cego*, uma cortina que está no lugar errado. Se uma cortina serve para impedir a entrada de luz, a função dela foi deslocada aqui. Quando o Museu está vazio, o reflexo no espelho torna-se a única imagem que ele tem, além dele mesmo. A proposta é vedar a única imagem genuína que ele teria.

Renata Marquez – O termo “lição de coisas”, popularizado em Paris no século XIX, propunha um método de ensino intuitivo, no qual vinham as coisas antes das palavras. Esse método gerou ilustrações que foram publicadas em uma série de manuais, imagens que você importa e aplica aqui num gabinete de curiosidades que é ao mesmo tempo um álbum de família e um acervo bibliográfico. Somos posicionados como observadores na fronteira entre a parede da sala de visitas e o espaço de estudo da biblioteca. Esse ato de nos fazer colecionar e recordar é uma estratégia para lidar com a instância da memória não de uma maneira nostálgica mas, como você falou uma vez, sob a forma de “uma memória construtiva”. Trata-se de experimentar com a ação mas também de refletir sobre a construção dessa memória?

Nydia Negromonte – Não me interessa a memória afetiva. Trata-se de um álbum do meu acervo pessoal mas não interessam os detalhes de quem é quem nas fotografias. Em *Jasmim do Cabo*, intervenção urbana no anexo da Casa Undió, eu não queria saber da história real contida naquelas imagens, nunca fiz esse tipo de pergunta, apesar das informações chegarem sem que tivessem sido solicitadas. As histórias sempre vêm à tona naturalmente, mas são muitas histórias possíveis. Na fotografia de *Escada*, somente me interessa disponibilizar a informação de que são estudantes de Arquitetura do Peru em viagem de estudos ao Uruguai... A possibilidade disso ir para uma esfera exclusivamente pessoal é evitada. Em *Lição de Coisas*, ocorre o mesmo: são duas imagens com as quais você, ao buscar uma relação de correspondência entre a gravura e a fotografia, fica ali na fronteira discursiva entre as duas imagens, ocupada em construir um diálogo. *Lição de Coisas* é realmente o trabalho estruturante da exposição. Não pretende ser um

manual, mas muitas vezes recorri ao *Lição de Coisas* para ver uma possível nova construção. É realmente o elo, o ponto de partida. A água é inclusive um elemento que aparece muitas vezes nessas imagens, seja através da pesca, da navegação, da assepsia ou da viagem à cachoeira. Há também a imagem da montanha de neve. A busca compulsiva das informações correspondentes entre si nas gravuras e nas fotografias é um exercício de observação tratado como desenho. Já em *Hídrica Episódios*, o desenho da água é feito no espaço, pois o desenho não precisa do suporte convencional do papel para acontecer. Entendo os episódios hídricos como a transformação das ilustrações dos livros clássicos *Lições de Coisas* em três dimensões, como um capítulo extenso, expandido. *Nota de Prova*, que inclui o ofício da impressão gráfica nas cápsulas de hortaliças, *Poda* (uma ação filmada exposta na sala de vídeo do Mezanino) ou o processo de embrulhar as frutas moldando-as com argila são também atos de desenho, refletindo a ênfase dada ao desenho na minha formação.

Renata Marquez – As cinco expedições que você fez à Ilha dos Amores, na Lagoa da Pampulha, em dias e horários diferentes – que gerou o trabalho de mesmo nome instalado no Auditório do Museu –, constituem uma prática artística na fronteira entre a observação artística e a observação científica, reeditando criticamente o olhar dos viajantes do século XVIII que chegavam nas Américas e encontravam uma natureza sublime...

Nydia Negromonte – O que mais me chamou atenção nas expedições, além da sensação inaugural de estar navegando na Lagoa da Pampulha pela primeira vez, foi a resistência dos animais. Uma resistência do sublime ou paradisíaco que eles convencionalmente representam no nosso imaginário. Se você olha uma garça se banhando, ou um ninho de mergulhão, imagina que tudo continua funcionando na natureza. Mas quando você vê um colhereiro sabendo que, quanto mais rosa é a sua plumagem, mais limpo deve estar o seu *habitat*, nota que o colhereiro da Pampulha está quase branco. Espécie de termômetro cromático de que a situação não está nada boa. Mas, ao mesmo tempo, a quantidade de ninhos de biguá é enorme, lá parece ser o lugar de reprodução deles. Os biguás fazem um ruído semelhante aos porcos, tem-se a impressão de que se está numa pocilga! Há um filtro na Lagoa que a divide em duas áreas. Há o córrego Sarandi, o mais poluente da Lagoa. No Parque ecológico encontramos a maior concentração de urubus da orla toda. Foi um exercício de observação sistemática dos bichos, especialmente